

ATIVIDADE ECONÔMICA

Indicadores de indústria, comércio e serviços

Sumário

O avanço de 0,1% do produto interno bruto (PIB) no terceiro trimestre de 2023, na série dessazonalizada, embora tenha representado uma desaceleração em relação ao ritmo de crescimento verificado no período anterior (1%), surpreendeu positivamente as expectativas mais recentes, que apontavam para um resultado mais modesto. Isso porque o desempenho da grande maioria dos indicadores de atividade econômica ao longo do período indicava uma deterioração mais pronunciada. Nesse contexto, o atual panorama macroeconômico brasileiro reforça duas facetas: a persistente estagnação na produção industrial, especialmente na indústria de transformação, e a resiliência dos setores de serviços e comércio varejista. Além de envolver questões mais estruturais, como a carência de investimentos e inovação na indústria, essa dualidade tem sido reflexo de fatores conjunturais, como os impactos desfavoráveis de uma política monetária ainda restritiva, ao lado do dinamismo apresentado pelos indicadores de mercado de trabalho.

No âmbito industrial, todavia, há setores cujo bom desempenho tem servido como contraponto à estagnação observada na indústria de transformação. As indústrias extrativas, por exemplo, notadamente aquelas relacionadas à extração e à exportação de petróleo e gás, bem como as vinculadas ao setor de minério de ferro, têm contribuído favoravelmente para o desempenho global da indústria. O próprio setor manufatureiro, quando analisado segundo a abertura por grandes grupos econômicos, também apresenta um caráter heterogêneo. Enquanto a produção de bens intermediários segue uma trajetória de crescimento bastante modesta, a produção de bens de capital emerge como o grande destaque negativo, sendo impactada mais diretamente pelos efeitos da política monetária, entre outros fatores. Em contrapartida, a produção de bens de consumo apresenta resultados mais positivos, com destaque para o setor de bens de consumo semi e não duráveis. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção da indústria seguiu um ritmo modesto ao longo dos dez primeiros meses do ano, acumulando crescimento nulo em comparação ao mesmo período do ano anterior. Após iniciar o quarto trimestre com avanço de 0,1% na margem, tendo por base os últimos dados disponíveis, a Dimac/Ipea estima uma alta de 0,2% em novembro na comparação dessazonalizada, com crescimento de 0,7% na comparação interanual.

Já nos setores de serviços e comércio varejista, a resiliência demonstrada ao longo do ano tem sido notável, explicando boa parte do crescimento observado na economia brasileira até o momento. Isso se deve, em grande medida, ao ambiente favorável proporcionado pelo dinamismo do mercado de trabalho e pelo aumento da renda

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 22 de dezembro de 2023.

das famílias. A esse respeito, destaca-se o papel importante das transferências de recursos implementadas pelo governo, como o aumento do salário mínimo, os reajustes nos valores do programa Bolsa Família e, mais recentemente, a iniciativa do programa Desenrola, que visa a reduzir o endividamento das famílias. Somada a esses fatores, a desaceleração dos preços ao consumidor, por sua vez, tem contribuído para a manutenção do poder de compra dos salários.

Em relação ao comércio varejista, seu desempenho nos últimos meses indica alguma perda de fôlego, particularmente na aquisição de bens de consumo duráveis. As taxas de juros, mesmo em queda, continuam impondo limitações ao acesso ao crédito. Além disso, o orçamento das famílias ainda se encontra bastante pressionado pelo pagamento referente aos serviços das dívidas passadas, o que contribui para a hesitação nas decisões de consumo de bens de maior valor. Vale destacar o papel das medidas do governo visando à sustentação da renda e à redução de endividamento das famílias, cujos efeitos já começam a aparecer nos indicadores de inadimplência. Já os segmentos do varejo associados aos bens de consumo semi e não duráveis continuam mantendo desempenho favorável. Nesse contexto, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 2,5% até outubro de 2023. Em relação a novembro, a Dimac/Ipea espera um resultado próximo à estabilidade na margem (0,3%), porém, com alta de 2,6% sobre o mesmo período de 2022.

A atividade de serviços, por sua vez, permanece como um dos principais motores para o crescimento do PIB, refletindo o bom desempenho do consumo das famílias pelo lado da despesa. Conforme mencionado anteriormente, além da estreita relação com a dinâmica do mercado de trabalho, o consumo de serviços é menos influenciado pelos efeitos da política monetária contracionista, respondendo mais diretamente às variações na renda. Apesar disso, assim como verificado no comércio varejista de bens, a trajetória recente dos indicadores referentes ao setor de serviços aponta para alguma desaceleração. Após a forte trajetória de crescimento observada ao longo do ano passado e do primeiro semestre de 2023, alguns elementos por trás desse desempenho vêm perdendo força, como o esgotamento dos efeitos associados à demanda reprimida gerada pela pandemia de covid-19. Com base na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, a receita real de serviços acumula um crescimento de 3,1%, com destaque para os serviços prestados às famílias (4,2%). Após três baixas consecutivas na margem até o mês de outubro, a Dimac/Ipea espera um resultado positivo em novembro (0,2%), com alta de 1,1% em comparação ao mesmo mês do ano anterior.

Por fim, o quadro atual da atividade econômica se reflete no resultado das pesquisas de sentimento, que, após a trajetória de recuperação ao longo de 2023, tem indicado alguma acomodação no período mais recente. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 94,4 pontos em novembro, resultado que representou o terceiro recuo consecutivo. Já o comportamento do indicador de confiança dos consumidores, que atingiu em setembro o maior patamar desde janeiro de 2014 (97 pontos), mostrou alguma volatilidade nos últimos dois meses.

1 Resultados gerais

A maioria dos indicadores de atividade setoriais registrou crescimento no acumulado do ano até o mês de outubro. Todavia, o desempenho ao longo dos últimos meses, na comparação em médias móveis trimestrais, indica uma desaceleração nas taxas de crescimento na margem (tabela 1). Entre os principais setores, o destaque negativo continua sendo a produção industrial, que, segundo a PIM-PF, encerrou o mês de outubro com crescimento nulo no acumulado no ano. Ao longo desse período, sua produção manteve um ritmo anêmico de crescimento, evidenciado por uma trajetória próxima à estagnação. O resultado em outubro deixa um *carry-over* ligeiramente positivo para o quarto trimestre (0,2%). Já o comércio varejista (conceito ampliado), de

acordo com a PMC, registrou um desempenho mais positivo, acumulando, em termos anuais, um crescimento de 2,4% nos primeiros dez meses de 2023. Porém, na comparação dessazonalizada, sua trajetória em médias móveis exibiu comportamento negativo ao longo do terceiro trimestre, com alguma recuperação em outubro. Com isso, o *carry-over* para o quarto trimestre ficou em -0,2%. Vale destacar o bom desempenho do varejo no conceito restrito no mesmo período. Composto por segmentos menos dependentes de crédito, a trajetória ao longo do terceiro trimestre mostrou aceleração na margem, resultado mais próximo do crescimento exibido pelo consumo das famílias no PIB. Por fim, segundo a PMS, a receita real de serviços apresentou um crescimento de 3,1% no acumulado do ano, quando comparado ao mesmo período de 2022. Assim como os demais setores produtivos, sua trajetória em médias móveis na margem aponta para uma desaceleração. Com a queda de 1,3% na margem registrada em outubro, a terceira consecutiva nessa base de comparação, o setor inicia o quarto trimestre com um *carry-over* de -1,3%.

TABELA 1

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento

(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado						Contra igual período do ano anterior						Acumulado		
	Tri móvel Jun./23	Tri móvel Jul./23	Tri móvel Ago./23	Tri móvel Set./23	Tri móvel Out./23	Carry-over (T4/23)	Tri móvel Jun./23	Tri móvel Jul./23	Tri móvel Ago./23	Tri móvel Set./23	Tri móvel Out./23	Carry-over (T4/23)	No ano	Em 12 meses	Carry-over (2023)
IBC-Br	0,7	-1,0	-0,7	-0,6		-0,3	3,2	2,0	1,5	0,8		2,2	2,8	2,5	2,6
Monitor do PIB	1,4	-0,5	-0,7	-0,6		-0,3	3,5	3,0	2,7	2,0		2,2	3,2	3,1	2,9
PIB mensal Itau	-0,4	-0,2	-0,2	-0,3		-0,1	2,5	2,6	2,3	2,0		2,6	3,0	2,6	2,7
PIM-PF	0,3	0,2	-0,1	-0,1	0,0	0,2	-0,1	0,3	-0,2	0,0	0,8	0,6	0,0	0,0	0,0
PMC ampliado	-0,1	-1,3	-1,3	-0,3	0,2	-0,2	1,8	2,4	3,6	3,0	3,0	2,4	2,4	1,8	2,4
PMC restrito	0,1	0,0	0,2	0,8	0,7	0,1	0,2	0,9	2,1	2,7	1,9	2,6	1,6	1,5	2,0
PMS	0,3	1,0	0,5	0,2	-1,3	-1,3	4,0	4,3	2,8	1,0	-0,3	-1,5	3,1	3,6	2,1

Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

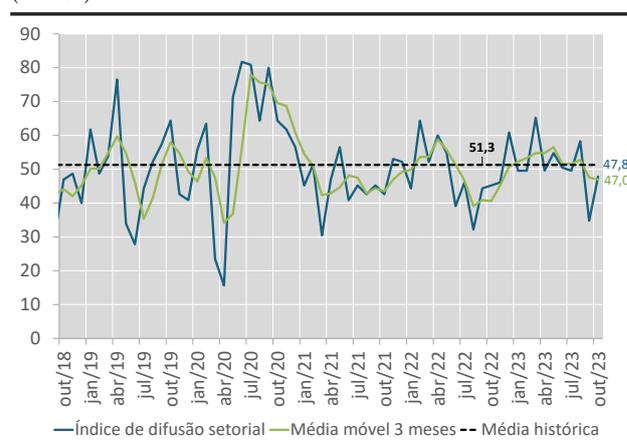
Nota: ¹ Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos, de materiais de construção, e de atacado de alimentos e bebidas.

O comportamento dos indicadores que buscam sumarizar a atividade econômica brasileira apresentou resultado similar ao longo dos últimos meses. Enquanto o Monitor do PIB encerrou o mês de setembro de 2023 com crescimento acumulado de 3,2% em termos interanuais, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br) registrou alta de 2,8% na mesma comparação. Já na série em médias móveis, ambos os indicadores apresentaram retração ao longo dos últimos meses. Ainda em termos agregados, o desempenho da atividade em outubro registrou alguma melhora em termos de difusão, embora ainda apresente um nível abaixo de sua média histórica, situada em 51,3%. Na comparação com setembro, já excluídos os efeitos sazonais, 47,8% dos segmentos registraram variação positiva, em comparação a 34,8% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 47% em outubro, resultado que representou o segundo recuo consecutivo na margem (gráfico 1).

GRÁFICO 1

Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial¹ (out./2018-out./2023)

(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 2

Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para novembro de 2023
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Ago./23	Set./23	Out./23	Previsão Dimac/Ipea Nov./23	Ago./23	Set./23	Out./23	Previsão Dimac/Ipea Nov./23
PIM-PF	0,2	0,0	0,1	0,2	0,5	0,6	1,2	0,7
PMC ampliado	0,6	0,0	-0,4	0,3	3,7	2,8	2,5	2,6
PMC restrito	-0,1	0,5	-0,3	0,5	2,4	3,2	0,2	3,0
PMS	-1,4	-0,3	-0,6	0,2	0,6	-1,1	-0,4	1,1

Fonte: IBGE, FGV e Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação aos resultados referentes a novembro, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta um desempenho mais homogêneo entre os setores. A produção industrial, que, apesar da trajetória de deflação nos preços dos insumos, continua mais impactada pelo aperto monetário, deve apresentar alta de 0,2% em novembro, na série sem efeitos sazonais (tabela 2). O setor de serviços deve apresentar avanço de 0,2% na margem, com uma contribuição positiva do segmento de serviços prestados às famílias. Para o setor de comércio, estamos prevendo um crescimento tanto para as vendas no conceito ampliado quanto no restrito, com altas de 0,3% e 0,5% na margem, respectivamente. O desempenho das vendas de automóveis voltou a exercer contribuição negativa no mês.

2 Indústria

Com base nos dados da PIM-PF, a indústria segue enfrentando o cenário mais adverso, apresentando crescimento nulo no acumulado de 2023 até outubro, na comparação interanual. O mesmo desempenho modesto pode ser visto ao longo desse período, evidenciado por uma trajetória também próxima à estagnação na comparação dessazonalizada em médias móveis, que culminou com avanço nulo no trimestre encerrado em outubro (tabela 3). O pequeno avanço de 0,1% no mês de outubro, ainda na comparação dessazonalizada, deixa um *carry-over* de 0,2% para o quarto trimestre. Entre as classes de produção, o cenário é mais restritivo para a indústria de transformação, que acumula uma queda no ano de 0,9%. As indústrias extrativas, por sua vez, notadamente aquelas relacionadas à extração e à exportação de petróleo e gás, bem como as vinculadas ao setor de minério de ferro, têm contribuído favoravelmente para o desempenho global do setor industrial. Com o resultado de outubro, o setor acumulou um crescimento de 5,4% no ano.

TABELA 3

Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	Carry-over 4ºTri	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Geral	0,2	0,0	0,1	0,0	0,2	0,5	0,6	1,2	0,8	0,0	0,0
Classes											
Indústrias Extrativas	-4,4	5,9	-1,1	-1,1	1,1	3,0	9,2	0,5	4,1	5,4	3,7
Transformação	1,1	-0,3	0,0	0,5	0,1	0,1	-0,8	1,3	0,2	-0,9	-0,7
Grupos Econômicos											
Capital	4,8	-2,2	-1,1	-2,8	-1,0	-13,1	-12,4	-10,3	-12,0	-10,3	-9,0
Intermediários	-0,4	0,6	0,9	-0,1	1,2	0,1	1,2	1,3	0,8	-0,1	0,0
Consumo	2,4	-1,8	-1,1	1,9	-1,5	3,7	1,9	3,0	2,9	2,1	1,8
Duráveis	7,8	-4,4	-2,4	-1,1	-3,0	2,8	-3,0	-3,2	-1,1	2,5	2,3
Semi e Não-Duráveis	2,0	-1,8	-0,3	1,9	-0,9	3,9	2,7	4,0	3,5	2,0	1,8
Insumos da Construção Civil	-1,0	-1,5	-0,6	-2,2	-1,9	-2,0	-3,6	-2,4	-2,7	-2,5	-3,3

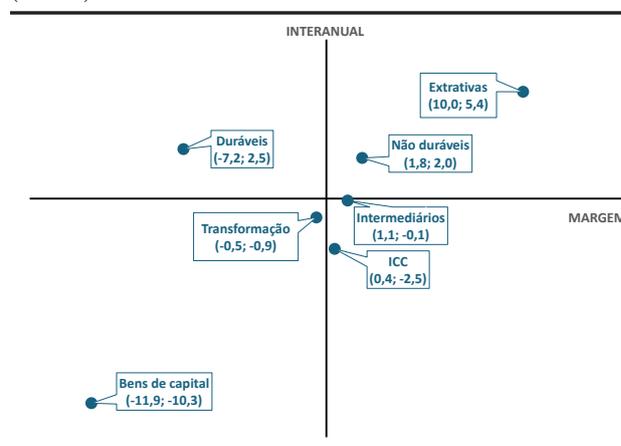
Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

O fraco desempenho do setor manufatureiro em 2023, quando analisado segundo a abertura por grandes grupos econômicos, apresenta um caráter heterogêneo. Tomando por base a comparação acumulada no ano, constata-se um cenário mais adverso para os grupos bens de capital e bens de consumo duráveis, cuja dependência de financiamento é mais elevada. No caso da produção de bens duráveis, embora o segmento tenha acumulado um crescimento interanual de 2,5% no ano, seu desempenho ao longo dos dez primeiros meses de 2023 aponta para uma queda acumulada de 7,2% na série dessazonalizada (gráfico 2). A situação é mais severa em relação à produção de bens de capital, com recuos de 10,3% e 11,9% nessas duas bases de comparação, respectivamente. Enquanto o grupo bens intermediários segue praticamente de lado em ambas as comparações, os segmentos indústrias extrativas e bens de consumo semi e não duráveis ocupam o quadrante superior direito, indicando crescimento positivo tanto ao longo do ano quanto na comparação com o mesmo período de 2022.

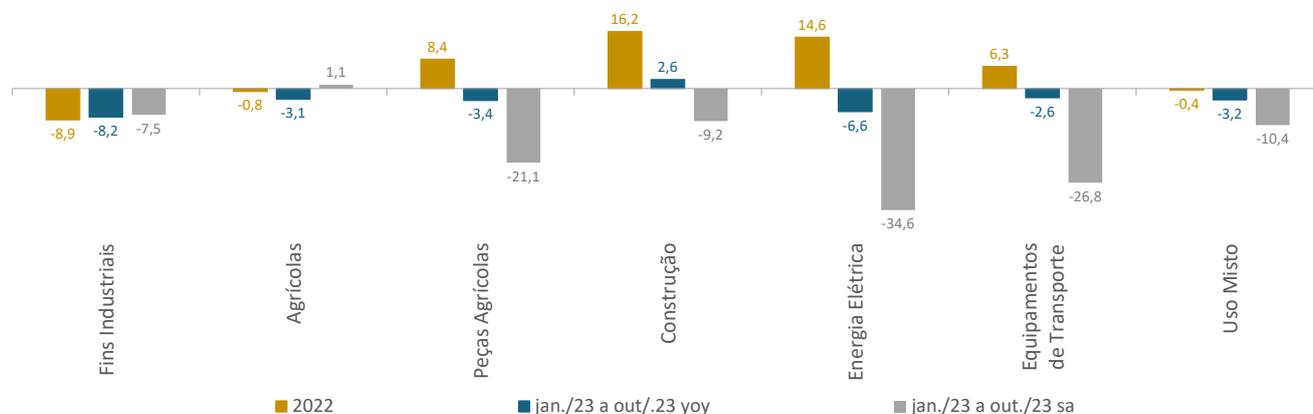
GRÁFICO 2
Produção industrial, grandes grupos econômicos: taxas de crescimento acumuladas no ano (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A análise segundo a classificação por setor de destino ajuda a entender o fraco desempenho da produção de máquinas e equipamentos, revelando uma retração bastante disseminada. Entre os quatro setores que haviam registrado crescimento em 2022, apenas a demanda por bens de capital para a construção apresentou variação positiva no acumulado do ano em 2023 (2,6%). Ainda assim, seu desempenho no período de janeiro a outubro aponta uma queda acumulada de 9,2% em termos dessazonalizados (gráfico 3). Nessa mesma métrica, o grande destaque negativo continuam sendo os investimentos para fins industriais. Após registrar contração de 8,9% no ano passado, a demanda de máquinas e equipamentos para indústria continua registrando fraco desempenho, com quedas nos acumulados interanual e dessazonalizado de 8,2% e 7,5%, respectivamente.

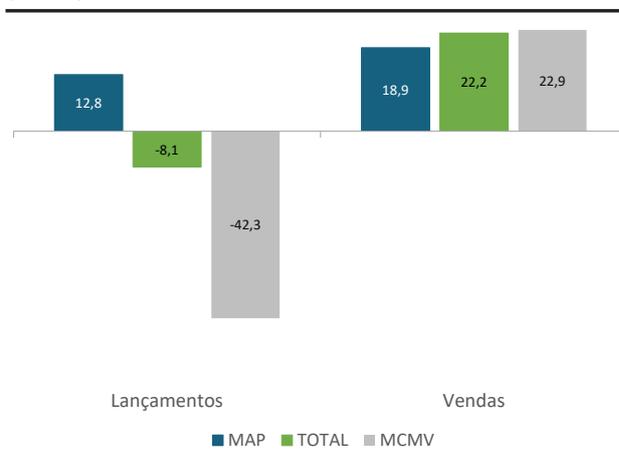
GRÁFICO 3
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – taxas de crescimento acumuladas (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

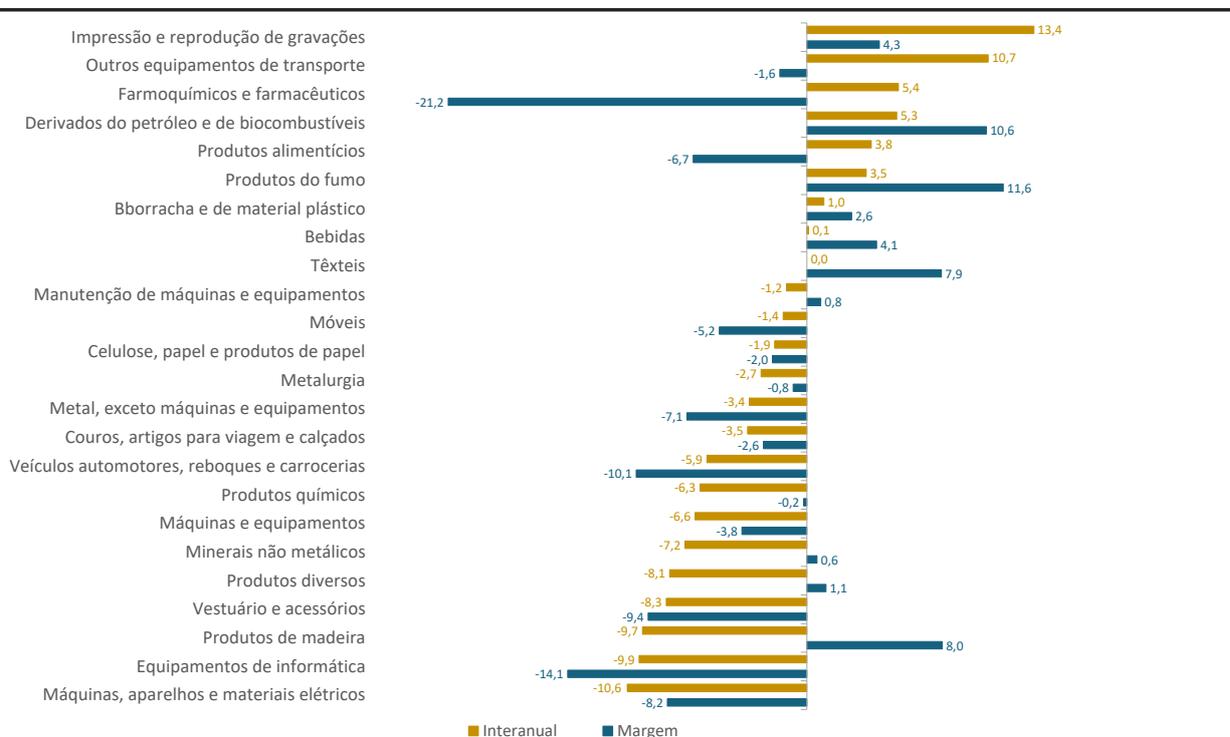
Outro componente com peso relevante na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), a atividade da construção civil, também registrou acomodação ao longo dos últimos meses. No contexto do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais (STNC), o indicador mensal de construção civil, calculado pelo Ipea, registrou queda de 2% no terceiro trimestre de 2023. Apesar disso, ainda apresenta altas de 1% no acumulado do ano e de 2,1% no acumulado em quatro trimestres.¹ Olhando para os segmentos, com base nos dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), o setor residencial vem mostrando resiliência. Na comparação acumulada no ano até setembro, embora os lançamentos de alto padrão tenham arrefecido, a participação do segmento de baixa renda segue aumentando, o que possibilita uma desaceleração mais suave. Já o volume de vendas realizadas exibe um desempenho ainda mais positivo. O crescimento de 22,2% do total é resultado do aumento em ambos os segmentos (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Mercado imobiliário: acumulado no ano (jan./23-set./23)
(Em %)



Fonte: Abrainc.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5
Produção industrial, setores CNAE: taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/09/230927_cc_60_nota_31.pdf.

A análise do desempenho setorial da indústria ao longo de 2023, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), revela um cenário com baixo médio de difusão. Entre os 24 segmentos que compõem a indústria de transformação, apenas sete registraram crescimento na comparação acumulada no ano em outubro. Entre eles, excluindo aqueles com peso irrelevante, apenas um também avançou no acumulado dessazonalizado, a saber: produtos derivados de petróleo e biocombustíveis, com altas de 5,3% no interanual e 10,6% na margem. Entre aqueles que registraram queda no acumulado interanual, a grande maioria também recuou na margem, com destaques negativos para os segmentos máquinas, aparelhos e materiais elétricos e equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (gráfico 5).

Embora o cenário subjacente à atividade industrial ainda apresente alguns fatores limitantes pelo lado da demanda, o setor tem se beneficiado de uma contínua deflação nos preços dos insumos. Tomando por base os preços ao produtor, medidos pela FGV, nota-se uma forte descompressão dos índices, em que a maioria dos grupos apresenta deflação na comparação acumulada em doze meses até novembro de 2023, particularmente em relação aos preços dos bens intermediários e das matérias-primas brutas (tabela 4).

Para novembro, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 0,1% na comparação com outubro de 2022, na série sem efeitos sazonais, com alta de 0,7% ante novembro do ano passado (tabelas 5A e 5B). O resultado na margem contou com uma contribuição positiva das indústrias extrativas, que estimamos terem avançado 1,5% em novembro. Já a indústria de transformação deve registrar recuo de 0,2% na mesma comparação. Entre os segmentos com peso relevante, os destaques ficariam por conta dos segmentos de informática e eletrônicos, máquinas e equipamentos e farmacêuticos, com altas previstas de 8,2%, 2,8% e 1,7%, respectivamente.

TABELA 4
Índice de Preços ao Atacado (IPA): taxas de variação acumuladas
(Em %)

	Dez./21-Nov./22	Dez./22-Nov./23
IPA - todos os itens	6,0	-6,4
Bens finais	9,2	-2,2
Bens de consumo duráveis	6,6	3,0
Alimentação	10,7	-5,3
Combustíveis	-2,1	-18,6
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	11,4	3,6
Bens de investimento	11,9	3,0
Bens intermediários	7,8	-7,6
Materiais e componentes para a manufatura	3,8	-4,9
Embalagens	5,0	1,0
Suprimentos	0,4	-17,0
Matérias-primas brutas	1,1	-8,9
Matérias Primas brutas agropecuárias	3,2	-15,7
Minerais	-6,7	19,5

Fonte: FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para novembro de 2023

(Em %)

5A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral	0,0	-0,3	0,2	0,0	0,1	0,2
Indústrias extrativas	2,9	-1,4	-4,4	5,9	-1,1	1,5
Indústrias de transformação	-0,3	-0,4	1,1	-0,3	0,0	-0,2
Alimentos	-0,2	0,4	1,2	-0,2	1,6	-2,0
Têxtil	0,0	0,0	-0,5	0,8	0,8	-0,9
Vestuário	5,6	-8,3	3,0	-4,1	-0,5	-3,1
Couro e calçados	-5,4	-0,2	-0,4	-5,2	1,3	2,5
Celulose e papel	-0,4	0,9	1,1	-1,1	-0,5	-0,1
Derivados de petróleo e biocomb.	-3,1	1,2	0,2	0,7	-1,4	-0,8
Químicos	-0,4	0,5	2,4	1,3	-0,5	-0,1
Farmacêuticos	-9,1	9,2	19,2	-16,6	3,7	1,7
Borracha e plásticos	1,7	-3,6	2,6	-0,8	1,3	-1,1
Minerais não-metálicos	-0,7	0,0	-0,4	-2,6	-0,3	2,8
Metalurgia	-0,7	-0,8	-1,2	-1,3	0,6	1,5
Metais	1,8	-4,8	1,8	-3,8	2,3	2,0
Informática e eletrônicos	-5,5	-13,6	15,4	-6,1	-2,6	8,2
Máquinas e materiais elétricos	0,4	-1,9	2,0	-3,0	2,3	-1,8
Máquinas e equipamentos	-5,4	-4,5	5,5	-7,4	2,4	2,8
Veículos automotores	-3,5	-6,7	5,8	-3,6	0,9	0,2
Outros equipamentos de transporte	-7,2	-1,3	0,9	-1,8	-1,7	-0,6
Outros produtos	-5,0	-7,6	-3,4	0,3	-0,3	14,9
Insumos construção civil	0,3	-0,2	-1,0	-1,5	-0,6	-1,1
	= -16,6	< -10,6	< -4,7	< 1,3	< 7,3	>= 13,2

5B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral	0,2	-1,2	0,5	0,6	1,2	0,7
Indústrias extrativas	10,9	7,0	3,0	9,2	0,5	11,1
Indústrias de transformação	-1,6	-2,6	0,1	-0,8	1,3	-1,1
Alimentos	5,1	3,7	7,1	6,4	4,3	-5,9
Têxtil	-1,4	-0,5	2,1	3,3	7,2	8,7
Vestuário	-4,5	-9,5	-7,5	-9,5	-4,1	-5,3
Couro e calçados	-9,4	2,9	-3,9	-13,4	-2,4	1,2
Celulose e papel	-5,0	-5,7	-2,3	-2,3	-1,7	-2,2
Derivados de petróleo e biocomb.	4,5	1,5	6,2	11,3	10,8	9,3
Químicos	-11,1	-6,5	-4,3	-3,0	1,4	-1,7
Farmacêuticos	-8,7	-5,5	8,8	-5,3	-2,8	-6,1
Borracha e plásticos	1,9	-3,7	-0,4	-0,8	4,2	-0,1
Minerais não-metálicos	-5,4	-4,0	-6,1	-6,6	-5,3	-0,5
Metalurgia	0,3	-2,4	-4,5	0,3	-3,5	-5,4
Metais	-1,4	-3,3	-0,1	-6,8	-2,8	1,0
Informática e eletrônicos	-11,4	-21,8	-5,9	-11,8	-15,6	4,9
Máquinas e materiais elétricos	-12,8	-11,0	-7,9	-11,6	-6,6	-8,1
Máquinas e equipamentos	-6,7	-9,2	-5,1	-11,8	-6,5	-3,2
Veículos automotores	-5,2	-9,9	-10,4	-15,4	-7,1	-11,3
Outros equipamentos de transporte	10,1	9,8	7,6	0,4	-1,6	-1,5
Outros produtos	-1,5	-9,9	-17,0	-12,3	-7,8	1,2
Insumos construção civil	-1,6	-1,3	-2,0	-3,6	-2,4	-1,3
	= -21,8	< -16,3	< -10,8	< -5,3	< 0,3	>= 5,8

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Comércio

O comércio de bens continua mantendo um bom desempenho ao longo de 2023. Todavia, os resultados ao longo dos últimos meses indicam alguma perda de fôlego, particularmente na aquisição de bens de consumo duráveis. As taxas de juros, mesmo em queda, continuam impondo limitações ao acesso ao crédito. Além disso, o orçamento das famílias ainda se encontra bastante pressionado pelo pagamento referente aos serviços das dívidas passadas, o que contribui para a hesitação nas decisões de consumo de bens de maior valor. A este respeito, vale destacar o papel das medidas do governo visando à sustentação da renda e à redução do endividamento das famílias, como o programa Desenrola Brasil, cujos efeitos já começaram a aparecer nos indicadores de inadimplência. Menos afetados pelas condições de crédito ainda adversas, os segmentos do varejo associados ao consumo de bens semi e não duráveis enfrentam um cenário mais favorável. De acordo com a PMC/IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 2,4% até outubro de 2023 (tabela 6). Olhando para a trajetória em médias móveis com ajuste sazonal, após o recuo verificado ao longo de todo o terceiro trimestre, as vendas avançaram 0,2% em outubro, iniciando o quarto trimestre com *carry-over* de -0,2%. Excluindo as vendas de veículos, materiais de construção e o atacado de alimentos e bebidas, o chamado varejo restrito, por sua vez, acumulou alta de 1,6% em outubro ante o mesmo período de 2022. Na comparação em médias móveis, ao contrário do verificado no conceito amplo, o segmento registrou aceleração nos últimos quatro meses.

TABELA 6

Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento

(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	carry-over 4 ^a tri	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Comércio varejista ampliado²	0,6	0,0	-0,4	0,2	-0,2	3,7	2,8	2,5	3,0	2,4	1,8
Comércio varejista restrito	-0,1	0,5	-0,3	0,7	0,1	2,4	3,2	0,2	1,9	1,6	1,5
1. Combustíveis e lubrificantes	1,5	-1,9	-0,7	-0,2	-1,5	-3,4	-8,5	-9,5	-7,2	4,9	7,9
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,1	1,4	-0,8	2,5	0,4	5,8	7,1	1,9	4,9	3,3	3,2
2.1 Hipermercados e supermercados	1,1	1,6	-1,0	2,7	0,5	6,0	7,8	2,5	5,4	3,8	3,7
3. Tecidos, vestuário e calçados	-0,5	-1,1	-1,9	-3,7	-2,8	-6,9	-2,7	-3,4	-4,4	-6,7	-8,4
4. Móveis e eletrodomésticos	-2,0	2,2	-0,1	-0,9	0,7	-1,2	2,0	-0,4	0,1	1,0	1,1
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,2	0,9	1,4	1,2	2,0	6,5	6,5	9,2	7,4	4,3	4,2
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,0	-0,1	2,8	-4,0	1,7	-15,6	-18,3	-4,8	-13,2	-4,1	-3,3
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,1	-0,3	-5,7	3,7	-5,8	6,3	3,8	-6,8	0,8	0,3	0,2
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-5,0	-1,0	0,2	-0,5	-2,2	-7,9	-9,1	-8,4	-8,5	-11,3	-10,9
9. Veículos, motos, partes e peças	3,5	-0,7	0,3	1,6	1,0	11,0	9,1	10,5	10,2	7,3	5,4
10. Materiais de construção	0,2	-2,8	2,8	-0,4	0,9	-0,1	-5,7	6,4	0,1	-2,1	-3,4
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-	-	-	-	-	8,8	6,6	8,8	-	3,1	-

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.² O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.³ O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Assim como na comparação interanual, a trajetória do varejo ampliado na série dessazonalizada indica um crescimento positivo ao longo de 2023, tendo acumulado alta de 2% entre outubro e janeiro deste ano na margem. O varejo restrito, embora acumule um crescimento menor em termos anuais (1,6%), avançou mais ao longo de 2023, com alta de 5% na margem. Entre os segmentos que compõem a pesquisa, apenas três terminaram os primeiros dez meses de 2023 acumulando variações positivas nessas duas métricas. Destacaram-se as vendas

em hiper e supermercados, produtos farmacêuticos e automóveis (gráfico 6). Em relação a este último segmento, apesar dos níveis elevados de juros, seu desempenho registrou aceleração até o mês de agosto último, tendo sido impulsionado pelo programa de descontos adotado pelo governo. Já no quadrante inferior esquerdo, que indica quedas em ambas as comparações, destaca-se a perda de ritmo no comércio de materiais de construção, com quedas acumuladas tanto em termos interanuais (-11,3%), quanto em termos dessazonalizados (-6,1%).

A dinâmica do mercado de trabalho continua contribuindo positivamente para uma trajetória crescente dos rendimentos, impulsionados tanto pelos indicadores de população ocupada quanto pelos indicadores de rendimento médio. Juntamente com os efeitos positivos do processo de descompressão das taxas de inflação em curso, a massa salarial real, acrescida das transferências de assistência e previdência realizadas pelos governos, tem gerado ganhos no poder de compra das famílias. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base a variação acumulada nos últimos doze meses até setembro, a massa ampliada acumulou um crescimento de 12% em termos nominais, contra uma expansão de 5,2% do IPCA, garantindo uma alta de 6,4% em termos reais no período (gráfico 7A). Quando utilizamos como deflator os bens duráveis, o cenário é ainda mais benigno. Ao longo dos últimos doze meses até setembro, os preços desse grupo acumularam deflação de 0,1%, refletindo um ganho de 12,2% no poder de compra da massa ampliada real (gráfico 7B). Por fim, utilizando como deflator a inflação do grupo bens não duráveis exclusive alimentos, percebe-se um quadro similar (gráfico 7C).

Em relação a novembro, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera altas de 0,3% na margem e de 2,6% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. No conceito de varejo restrito, esperamos também uma aceleração, com avanços de 0,5% e 3%, respectivamente. Entre os segmentos com maior peso, os destaques positivos na margem ficam por conta das vendas de tecidos, vestuários e calçados (3%) e móveis e eletrodomésticos (2,3%), como mostram as tabelas 7A e 7B.

GRÁFICO 7
Massa ampliada real e seus componentes (set./2022-set./2023)¹
(Séries dessazonalizadas, variação acumulada em %)

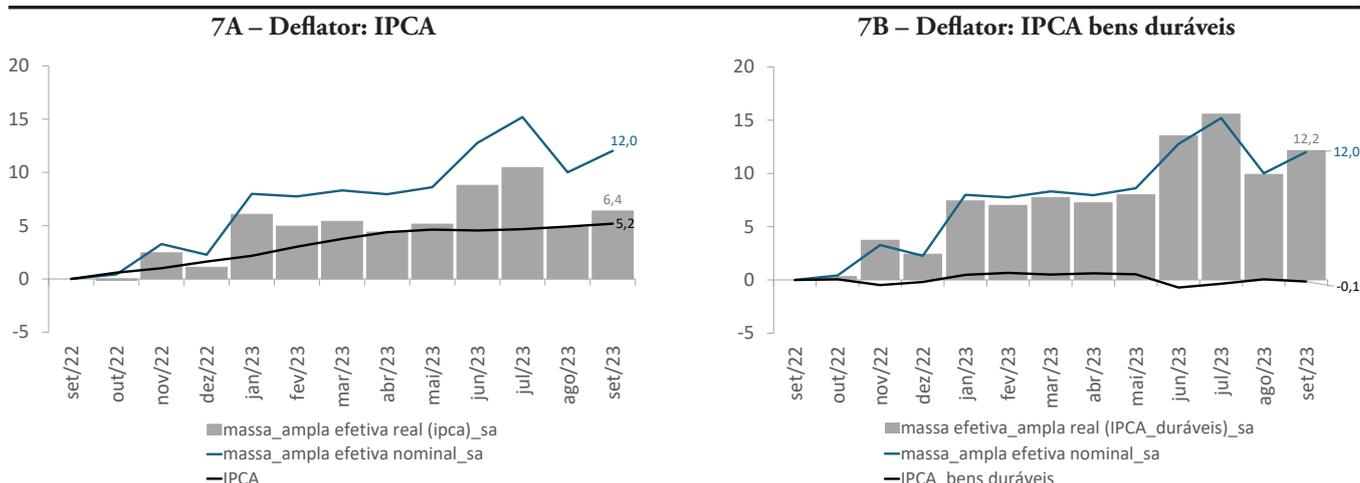
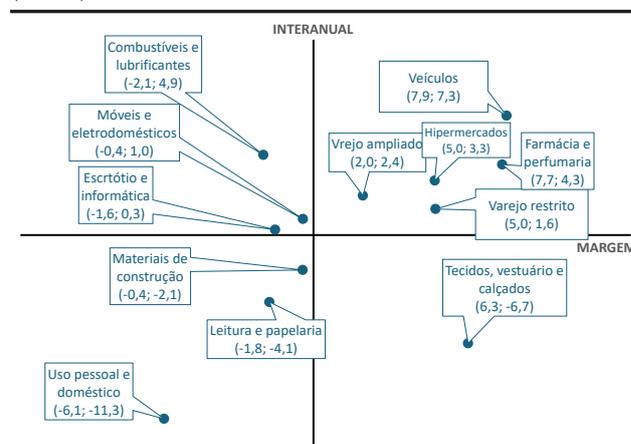
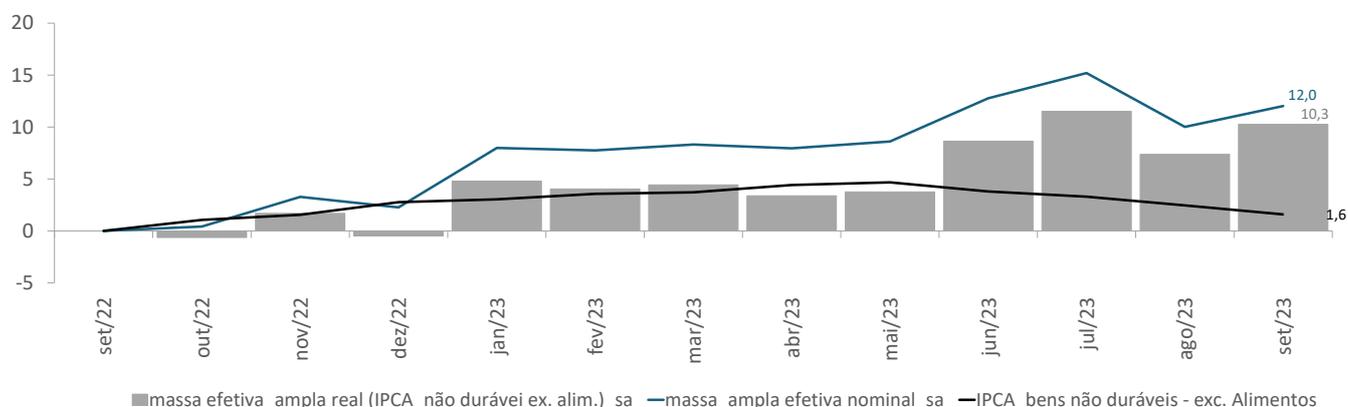


GRÁFICO 6
Comércio: grandes grupos econômicos – taxas de crescimento acumuladas no ano
(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

7C – Deflator: IPCA bens não duráveis exclusive alimentos



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Base: fevereiro de 2020 igual a 0%.

TABELA 7

Comércio varejista: desempenho recente e previsão para novembro de 2023

(Em %)

7A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Varejo ampliado	0,8	-0,8	0,6	0,0	-0,4	0,3
Varejo restrito	0,2	0,7	-0,1	0,5	-0,3	0,5
Combustíveis e lubrificantes	-1,1	0,2	1,5	-1,9	-0,7	1,4
Hiper e supermercados	1,5	0,4	1,1	1,4	-0,8	-0,6
Tecidos, vestuário e calçados	0,9	-3,2	-0,5	-1,1	-1,9	3,0
Móveis e eletrodomésticos	0,9	-0,9	-2,0	2,2	-0,1	2,3
Artigos farmacêuticos e perfumaria	-0,3	0,2	0,2	0,9	1,4	-0,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	8,9	-6,2	3,5	-0,7	0,3	-2,8
Material de construção	0,3	0,5	0,2	-2,8	2,8	-0,9

= -6,3	< -3,7	< -1,2	< 1,3	< 3,9	>= 6,4
--------	--------	--------	-------	-------	--------

7B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Varejo ampliado	4,7	2,4	3,7	2,8	2,5	2,6
Varejo restrito	1,4	2,4	2,4	3,2	0,2	3,0
Combustíveis e lubrificantes	9,2	-2,3	-3,4	-8,5	-9,5	-1,6
Hiper e supermercados	3,2	2,9	5,8	7,1	1,9	3,9
Tecidos, vestuário e calçados	-6,3	1,3	-6,9	-2,7	-3,4	5,9
Móveis e eletrodomésticos	2,7	3,3	-1,2	2,0	-0,4	1,8
Artigos farmacêuticos e perfumaria	4,7	6,5	6,5	6,5	9,2	5,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	17,8	9,8	11,0	9,1	10,5	6,0
Material de construção	-2,4	-0,3	-0,1	-5,7	6,4	-1,2

= -9,5	< -5,0	< -0,4	< 4,1	< 8,7	>= 13,2
--------	--------	--------	-------	-------	---------

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

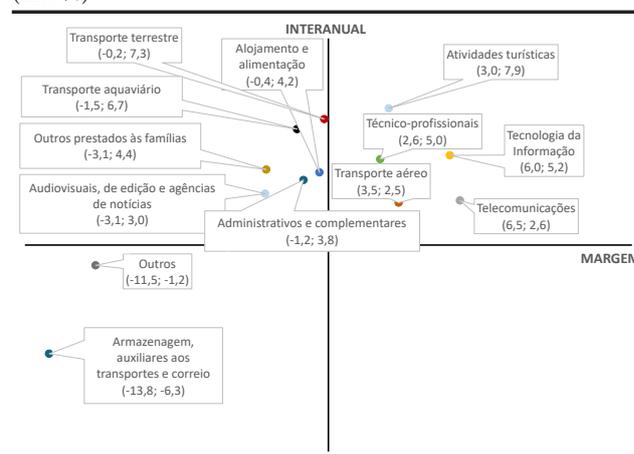
4 Serviços

A atividade de serviços, por sua vez, permanece como um dos principais motores para o crescimento do PIB, refletindo o bom desempenho do consumo das famílias pelo lado da despesa. Conforme mencionado, além da estreita relação com a dinâmica do mercado de trabalho, o consumo de serviços é menos influenciado pelos efeitos da política monetária contracionista, respondendo mais diretamente às variações na renda. Apesar disso, assim como verificado no comércio varejista de bens, a trajetória recente dos indicadores referentes ao setor de serviços aponta para alguma desaceleração. Após a forte trajetória de crescimento observada ao longo do ano passado e do primeiro semestre de 2023, alguns elementos por trás desse desempenho vêm perdendo força, como, por exemplo, o esgotamento dos efeitos associados à demanda reprimida gerada pela pandemia de covid. Além disso, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables*, que antes ajudava a explicar o bom desempenho da atividade, se inverteu, com os preços dos serviços ficando mais caros, em média, que os preços dos bens. Com base na PMS/IBGE, a receita real de serviços acumula um crescimento de 3,1% até o mês de outubro, com destaque para os serviços prestados às famílias e os serviços profissionais, administrativos e complementares (tabela 8). A comparação em médias móveis trimestrais aponta um cenário de desaceleração, culminando com uma queda de 1,3% na margem em outubro. Com esse resultado, o *carry-over* para o quarto trimestre ficou em -1,3%. Entre os treze segmentos analisados, cinco registraram crescimento acumulado até outubro, tanto em termos interanuais quanto na margem. O grande destaque positivo ficou por conta dos serviços de tecnologia da informação, com altas de 5,2% e 6%, respectivamente (gráfico 8). Outros seis segmentos situam-se no quadrante superior esquerdo, ou seja, registraram crescimento na comparação com o mesmo período do ano passado mas perderam força ao longo de 2023, atingindo em outubro um nível inferior ao verificado no início deste ano na série dessazonalizada. Nesse grupo, impulsionado ao longo do primeiro trimestre pelo ótimo desempenho da produção agrícola, a atividade associada ao transporte terrestre de carga acumula o maior crescimento, com alta de 7,3% no acumulado interanual. O pior desempenho no gráfico de quadrantes ficou por conta dos serviços de armazenagem. Após forte crescimento no mês de março, a atividade vem retraindo desde então, e já acumula quedas nas duas bases de comparação. Os estímulos associados à demanda reprimida provocada pela crise sanitária também perderam força. Em outubro, entre aqueles que ainda exibem algum hiato em relação aos níveis pré-pandêmicos, estão os serviços prestados às famílias (gráfico 9).

Conforme citado anteriormente, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables*, juntamente com a evolução dos níveis da massa salarial ampliada nominal, ajudaram a explicar o forte crescimento do setor no período. Ao longo de 2023, todavia, enquanto a inflação de bens duráveis acumulou deflação de 0,1% até setembro, os preços dos serviços registraram alta de 5,5%. Ainda assim, o poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, segue aumentando (gráfico 10).

Para novembro, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente alta de 0,2% na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 1,1% acima do verificado no mesmo período do ano passado. Entre os

GRÁFICO 8
Serviços: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

cinco segmentos, os destaques na margem ficam por conta das atividades de serviços prestados às famílias (1%) e de outros serviços (3%). Com o maior peso entre os segmentos, a maior contribuição negativa veio dos serviços de transportes e correio, com recuo de 1,8% (tabelas 9A e 9B).

TABELA 8
Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento
(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	Carry-over 4 ^o Tri	Ago./23	Set./23	Out./23	Trim. ¹	No ano	Em doze meses
Total	-1,4	-0,3	-0,6	-1,3	-1,3	0,6	-1,1	-0,4	-0,3	3,1	3,6
1. Serviços prestados às famílias	-3,7	2,5	-2,1	-1,4	-1,7	-1,0	2,8	0,1	0,6	4,2	5,0
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-4,0	0,7	-0,5	-1,8	-1,4	-1,4	0,6	0,8	0,0	4,2	4,8
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-1,7	19,8	-18,1	4,0	-8,5	0,9	15,4	-4,3	4,0	4,4	5,9
2. Serviços de informação e comunicação	-0,9	-0,6	0,3	-1,2	-0,5	2,4	-0,6	-0,5	0,4	3,7	3,3
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	-1,1	-1,0	1,2	-1,3	0,1	1,8	-1,2	-0,6	0,0	3,9	3,4
2.1.1 Telecomunicações	-0,7	0,3	1,7	0,1	1,6	2,1	0,0	5,1	2,4	2,6	1,0
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	-1,7	-0,7	1,4	-1,1	0,3	1,5	-2,5	-5,9	-2,4	5,2	6,0
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	4,9	-0,6	-3,8	0,7	-2,7	7,5	5,4	1,3	4,7	3,0	3,0
3. Serviços profissionais, administrativos e complementares	0,8	-1,1	1,0	0,3	0,5	4,2	0,8	3,9	3,0	4,0	4,6
3.1 Serviços técnico-profissionais	2,0	-3,3	2,8	1,8	1,2	6,5	-3,2	6,2	3,1	5,0	5,5
3.2 Serviços administrativos e complementares	-0,5	0,4	-0,5	-0,7	-0,3	2,8	2,5	2,3	2,5	3,8	4,4
4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-2,1	-0,2	-2,0	-2,9	-2,8	-1,2	-2,1	-1,2	-1,5	2,9	4,1
4.1 Transporte terrestre	-1,1	-0,2	-1,8	-1,3	-2,2	3,2	2,2	2,8	2,7	7,3	8,6
4.2 Transporte aquaviário	-1,4	3,3	-4,6	-3,4	-3,0	-2,0	4,9	-1,2	0,5	6,7	7,3
4.3 Transporte aéreo	-0,5	-2,4	0,8	-2,8	-1,0	8,5	2,0	12,9	7,4	2,5	2,7
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-5,0	2,3	-1,2	-5,1	-1,4	-13,3	-13,7	-12,4	-13,1	-6,3	-4,6
5. Outros serviços	-1,6	-0,4	0,0	-2,0	-0,8	-6,1	-4,7	-4,2	-5,0	-1,2	0,0
Atividades Turísticas²	-1,4	1,5	-1,1	-0,3	-0,5	5,3	6,6	6,5	6,1	7,9	8,7

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

¹ Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

² Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

GRÁFICO 9

Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (fev./2020-jul./2023)¹
(Variação acumulada em %)



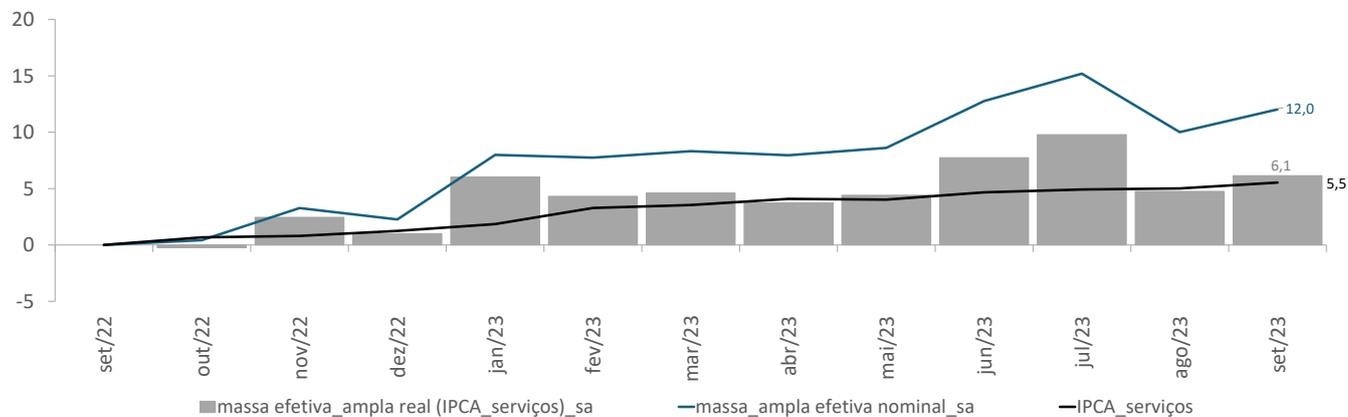
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Base de fevereiro de 2020 igual a 0%.

GRÁFICO 10

Massa salarial ampliada real e componentes: deflator IPCA serviços (set./2022-set./2023)¹
(Variação acumulada em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para novembro de 2023

(Em %)

9A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Serviços	0,1	0,6	-1,4	-0,3	-0,6	0,2
Serviços prestados às famílias	1,5	1,3	-3,7	2,5	-2,1	1,0
Serviços de informação e comunicação	0,3	-0,1	-0,9	-0,6	0,3	-0,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	1,2	-0,8	0,8	-1,1	1,0	-1,8
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,7	0,4	-2,1	-0,2	-2,0	-1,8
Outros serviços	-0,5	0,0	-1,6	-0,4	0,0	3,0

< -3,7	< -2,5	< -1,4	< -0,3	< 0,8	>= 1,9
--------	--------	--------	--------	-------	--------

9B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Serviços	4,2	3,7	0,6	-1,1	-0,4	1,1
Serviços prestados às famílias	5,6	5,3	-1,0	2,8	0,1	2,3
Serviços de informação e comunicação	5,7	4,4	2,4	-0,6	-0,5	-1,8
Serviços profissionais, administrativos e complementares	4,1	3,6	4,2	0,8	3,9	0,4
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	4,5	2,3	-1,2	-2,1	-1,2	3,3
Outros serviços	-1,5	4,2	-6,1	-4,7	-4,2	0,6

< -6,1	< -4,1	< -2,2	< -0,2	< 1,8	>= 3,7
--------	--------	--------	--------	-------	--------

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

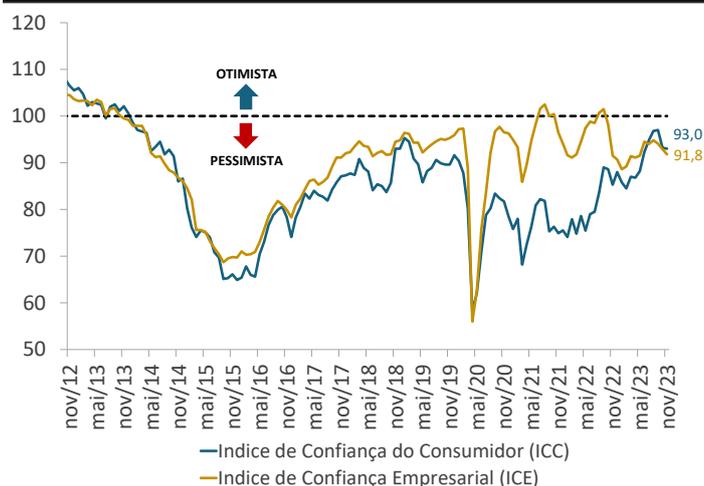
5 Confiança

O quadro atual da atividade econômica se reflete no resultado das pesquisas de sentimento, que tem indicado alguma acomodação no período mais recente. De acordo com as pesquisas Sondas Setoriais, da FGV, o ICE atingiu o patamar de 94,4 pontos em novembro, resultado que representou o terceiro recuo consecutivo. Já o comportamento do indicador de confiança do consumidor, que atingiu em setembro (97 pontos) o maior patamar desde janeiro de 2014, mostrou alguma volatilidade nos últimos dois meses. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em novembro permaneceu na zona que indica expansão, com destaque para a confiança dos setores de indústria e serviços, em que as respostas indicaram expectativas positivas em relação à produção e às vendas.

GRÁFICO 11

Indicadores de confiança: empresários versus consumidores – séries dessazonalizadas (nov./2012-nov./2023)

(Em pontos)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

Pesquisadores Visitantes:

Andreza Aparecida Palma

Cristiano da Costa Silva

Debora Mesquita Pimentel

Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas..